



NA NEGAÇÃO DA MORTE, UM BIOGRAFEMA DE HILDA HILST

Luciana Tiscoski

As reminiscências recolhidas em fragmentos de vida e obra servem neste texto como possível esboço para um biografema de Hilda Hilst. O entretecimento de passagens e enunciações pretende conduzir-nos ao tema recorrente e central do corpus da escrita de H.H. explícito na obra *Da morte. Odes mínimas*, de 1980. No neologismo tomado de Barthes, o biografema, reúnem-se fragmentos para a construção de significantes, “uma anamnese factícia: a que eu atribuo ao autor que amo” (BARTHES, 2003, p. 126). Não se pretende descobrir segredos subjacentes ou encobertos, desenvolver uma hermenêutica da obra ou analisar sua idéia filosófica, mas sim de percorrer caminhos que oferecem pistas de intersubjetividades e coexistências possíveis.

Rien de plus déprimant que d’imaginer le Texte comme um objet intellectuel (de réflexion, d’analyse, de comparaison, de reflet, etc.). [...] Parfois, pourtant, le plaisir du Texte s’accomplit d’une façon plus profonde (et c’est alors que l’on peut vraiment dire qu’il y a Texte): lorsque le texte “littéraire” (le Livre) transmigre dans notre vie, lorsqu’une autre écriture (l’écriture de l’Autre) parvient à écrire des fragments de notre propre quotidienneté, bref quand il se produit une co-existence.¹

Para compor esta biografia descontínua de pormenores biografemáticos², será traçado um roteiro a partir de uma anotação pessoal da escritora numa agenda do ano de 1979; além de trechos do livro *A negação da morte*, do escritor e antropólogo cultural estadunidense Ernest Becker e de algumas cartas fotocopiadas em pesquisa no acervo do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, da Unicamp. Trata-se da correspondência passiva de H.H., que tem entre suas remetentes e amigas (aqui consideradas somente as remetentes mulheres), a arquiteta Gisela Magalhães, responsável pela exposição *Hilda Hilst – 70 anos*, realizada em 2000, no SESC Pompéia, São Paulo; a escritora Lygia Fagundes Telles; e a tradutora Eloah Giacomelli e a professora, crítica e escritora Nelly Novaes Coelho.

O livro de poemas *Da morte. Odes mínimas* apresenta-se aqui como o reflexo do pensamento eidético de Hilda revelado na poesia, o espaço onde se insere a persona poética e sua leitura da transitoriedade. Dos fragmentos de leituras e experiências, das relações com seus pares, da própria construção de uma linguagem sua, permeada de uma vasta erudição, entre o místico, o filosófico, o psicológico e o religioso, H.H. faz da morte sua interlocutora. Neste livro, H.H. compartilha com a morte sua inconformidade perante a finitude e a dificuldade insuperável de unir os anseios e restrições do corpo à transcendência do espírito. A poeta desdobra-se em lirismos numa

¹ BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Paris: Editions du Seuil, 1971.

² PERRONE-MOISÉS, 1983, p.15.



solene celebração à morte, colocando-se como seu par na ‘dura hora’, um par feminino para uma morte feminina. Ligada a terra, também feminina, a morte se lhe apresenta múltipla, sensual, fugidia e ambígua.

Duas fortes mulheres
Na sua dura hora.

Que me tomes sem pena
Mas voluptuosa, eterna
Como as fêmeas da Terra.³

Da morte. Odes mínimas é dedicado à memória de Ernest Becker, autor de um dos livros mais importantes na construção do arcabouço teórico de H.H., um tratado que reúne diversas correntes da psicanálise pós freudiana numa fusão da psicologia, em grande parte alicerçada pela obra de Otto Rank, com a perspectiva mítico-religiosa, tendo como principal guia o teólogo e filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard. As pistas que me levaram ao livro de Becker me foram fornecidas pela própria autora, que dedicou grande parte de sua obra a Becker, como *Poemas malditos, gozosos e devotos, Cantares de perda e predileção, Amavisse, Com meus olhos de cão, Sobre a tua grande face, Da Morte. Odes Mínimas* e o autobiográfico *A obscena Senhora D*⁴, onde consta a seguinte epígrafe: "Dedico este trabalho assim como o anterior, *Da morte. Odes mínimas*, e também meus trabalhos futuros (se os houver) à memória de Ernest Becker por quem sinto incontida veemente apaixonada admiração."

A artista plástica Olga Belinki, responsável pelo projeto gráfico de inúmeras das obras de H.H., bem como o escritor José Luís Mora Fuentes, falecido em junho de 2009, ambos amigos íntimos da escritora e mantenedores de sua casa, a Casa do Sol, em Campinas, após sua morte, afirmaram que o livro *A negação da morte* foi de fato norteador do pensamento de Hilda e comentaram inclusive que a escritora o recomendava a amigos como uma leitura imprescindível, tendo chegado ao ponto de comprar exemplares em quantidade para presenteá-los aos amigos mais próximos.

Convém acrescentar ainda o escrito pessoal de H.H., de 1979, já citado como um dos fragmentos guias deste breve biografema, onde a escritora denomina ‘irmãos’ os autores Franz Kafka, Ernest Becker, Samuel Beckett, Nikos Kazantzákis, Carl Gustav Jung e Hermman Broch.

³ HILST, Hilda. Trecho do poema II. In: *Da morte. Odes mínimas*. São Paulo: Editora Globo, 2001, p. 30.

⁴ Apesar da profunda identificação que se pode evidenciar entre a personagem protagonista de *A obscena Senhora D* e sua criadora, seria ainda assim leviano declarar a obra como autobiográfica, não fosse uma anotação pessoal datada de 22 de janeiro de 1980 onde H.H. escreve: “Senhora D/HH está viva.”, numa clara referência ao traço autobiográfico da obra.



Neste registro, há uma introdução referente à leitura que a escritora faz da obra do antropólogo cultural Ernest Becker. Abaixo o referido trecho:

Releio Ernest Becker. Incrível. Mas se toda essa minha experiência é a dimensão depois da morte então é preciso pensar tudo de novo. Por que o inconsciente não registra espaço-tempo-morte como o consciente? O inconsciente se pensa imortal? Por que?⁵

Esse questionamento de H.H., que por sinal, está presente em sua poética, é longamente debatido por Becker. Ele relaciona a ânsia do homem pelo heroísmo com a idéia de narcisismo, de Freud. De acordo com Freud, os homens repetem o mito grego de Narciso à medida que se perdem em si mesmos numa profunda absorção, esquecendo-se de, ou mesmo ignorando, sua própria falibilidade. Becker faz a leitura da teoria de Freud afirmando que “o inconsciente não conhece a morte ou o tempo: nos seus recessos orgânicos físico-químicos mais íntimos, o homem se sente imortal”.⁶ É justamente uma ânsia de transcendência, uma busca de imortalidade através da poesia, que faz da escrita de Hilda uma errância da linguagem em direção a Deus, em direção ao eterno na palavra. Na idéia de Deus nutrida pela escrita de H.H., existe o inconformismo diante de um corpo organicamente falível, mas também capaz de arrebatamentos eróticos, capaz de transportar pensamentos e de produzir simbolismos que o elevam à categoria transcendente do imaginário, à abstração do tempo e do espaço. No entanto, para Becker e para Hilda, esse heroísmo que se almeja mostra o reflexo de sua verdadeira face: o terror da morte.

Citando Jung, outro dos ‘irmãos’ de Hilda, Becker declara ser a obra do artista a projeção de sua transferência, o artista transfere à sua obra toda a aspiração heróica, todas as suas qualidades, sua inteligência e coragem, em suma, seu heroísmo. Mas mesmo estando o artista munido de sua transcendente obra, ele nunca se livra de si mesmo (cabe alusão ao título *Tu não te moves de ti*, de H.H., 1980), ele não pode ir além dos limites do corpo de sua obra. E a transcendência material de sua obra “empalidece se comparada à transcendente majestade da natureza.”⁷ Daí a face ambígua, a farsa da imortalidade. Esta a encruzilhada onde o poeta recorre à sua religiosidade particular, “o donativo do artista é sempre, à própria criação, ao significado máximo da vida, a Deus.”⁸ Em seu desejo de ligação com o cosmos, em seu anseio de integração, o poeta busca o Ágape, o amor

⁵ HILST, Hilda. Registro pessoal. Disponível em: <http://www.hildahilst.com.br/obras.php?categoria=8>. Acesso em: 22 de janeiro de 2008.

⁶ BECKER, Ernest. *A negação da morte*. 2ª edição. Tradução de Luiz Carlos Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Record, 1995. p. 16.

⁷ *Ibd.*, p. 172.

⁸ *Ibd.*



incondicional pregado pelo cristianismo, mas na dualidade de sua escrita, que percorre corpo e espírito, o poeta elege também a Eros, o amor sexual que o aproxima da vida e da morte.

Vemos agora o que poderíamos chamar de tragédia ontológica ou da criatura que é tão peculiar ao homem: se ele cede ao Ágape, corre o risco de não se desenvolver, o que é a sua contribuição ativa ao resto da vida. Se expande Eros em demasia, arrisca-se a separar-se da dependência natural, do dever para com uma criação mais ampla; afasta-se do poder curativo da gratidão e da humildade que deve sentir naturalmente por ter sido criado, por lhe ter sido concedida a oportunidade de experimentar a vida.⁹

Em *Da morte. Odes mínimas.*, essa comunhão de Ágape e Eros faz-se numa articulação lírica, num percorrer de imagens oníricas e surrealistas, numa recriação de espaços e ‘nomes perecíveis’, onde a morte baila como figura esquiva, indizível, como a poesia. O terror apresentado por Becker como a principal causa do conflito interno humano torna-se transporte para um além quase desejado, entre a atração e a recusa, como os jogos amorosos.

Cavalo, búfalo, cavalinha
Te amo, amiga, morte minha,
Se te aproximás, salto
Como quem quer e não quer
E não ousa
Tocar teu pêlo, o ouro

O coruscante vermelho do teu couro
Como quem não quer.¹⁰

O biografema proposto aqui percorre traços de uma intertextualidade latente, onde os ‘irmãos’, as afinidades eletivas, aparecem como fantasmas na escrita/enigma de H.H. E a transcendência do tema tripartido em morte-espaco-tempo faz-se através da linguagem, da escrita que se debruça sobre si mesma. Hilda Hilst busca Deus através da escrita, traça sua trama de erudição, citando desde Kierkegaard a Bataille, desde a Bíblia aos Upanishades, os antigos pensadores e poetas, como Petrarca e Catulo, numa trajetória incansável em busca do enigma que reside no tempo da vida e da poesia.

Pode-se nessas alturas perguntar: e as irmãs? E a afinidade feminina? Curiosamente, embora tão feminino seja seu traço na poesia, embora seja a morte, denominada por H.H. feminina e ‘irmã’, Hilda funda a maioria de seus personagens ficcionais no masculino e ousou declarar em entrevista que as mulheres não a impressionavam, não eram tão profundas e não compartilhavam com ela a busca de Deus.¹¹ Suas admiradas eram figuras santificadas ou quase assexuadas em sua sede de conhecimento e erudição, como é o caso de Edith Stein, Simone Wiel, Santa Teresa de Ávila, Sor

⁹ Ibid. pp. 154-155.

¹⁰ HILST, Hilda. Poema XVI. In: *Da morte. Odes mínimas*. São Paulo: Editora Globo, 2001, p. 30.

¹¹ In *Cadernos de Literatura*. Hilda Hilst. Instituto Moreira Salles. São Paulo, 1999.



Juana Inês de La Cruz e outras santas e mártires que figuram em sua lista de notáveis e nos retratos das paredes da Casa do Sol. Tantas são as hipóteses caso queira-se trilhar esse outro traço biografemático de Hila Hilst, apolíneo na prosa e dionisíaco na poesia¹², que não cabe aqui nem ao menos um esboço.

Mas como um fragmento válido de biografema, e ainda respondendo à pergunta: E as irmãs? apresento instantes de uma correspondência situada cronologicamente entre os anos 70 e 80, onde as amigas mulheres, a quem Hilda diz em poesia ter ‘tocado o muro de dentro’ com ‘A boca nos sentimentos’, revelam-se e refletem H.H. em pleno gozo de seu lugar feminino, reivindicado lugar de fala e sentimento, bravura e inconformidade, luta incessante da mulher artista para ter o produto de seu trabalho publicado, respeitado e criticado. Em meio a caos particulares, enleios de casamentos e famílias, entre amores e relações diversas mal resolvidas, entre eternos conflitos existenciais, as mulheres explicitam sua crença no trabalho artístico e intelectual como meio de transpor limites impostos por dogmas sociais numa sociedade ainda dominada pela hipocrisia machista e preconceituosa.

Eloah Giacomelli, em carta datada de agosto de 1974, de Vancouver, Canadá, fala de sua dificuldade de elaboração do trabalho intelectual, no que se refere à leitura e à escrita, assunto tantas vezes aludido na correspondência passiva de H.H., e exalta sua independência quando abdica do conforto financeiro.

Sim, preciso mesmo trabalhar quando a oportunidade aparece; vivo exclusivamente daquilo que ganho com o meu trabalho; não tenho outros recursos financeiros. Abandonei a segurança financeira que tinha aí no Brasil em troca da liberdade e independência. Um alto preço, mas nunca me arrependi.

Em outro momento, na mesma carta, Giacomelli demonstra sua atuação política em defesa dos direitos da mulher: “Existe um movimento de libertação da mulher aí? Estou interessada em saber se a mulher brasileira está se tornando um ente político”¹³, ela que escreveu, entre outros importantes ensaios, o texto *The brasilian woman as writer*, publicado pela Branching Out, no Canadá. Giacomelli demonstra ainda seu cuidado com a condição profissional de Hilda, sugerindo-lhe que envie seu currículo à Universidade canadense onde trabalha e dando-lhe contatos de tradutores e professores que trabalham com a literatura brasileira. Essa preocupação com a situação profissional e financeira de Hilda Hilst é outro dos assuntos recorrentes nas correspondências. Hilda

¹² Na obra *Personas Sexuais – arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp.78, 94 e 100, Camille Paglia sustenta a identificação de Dionísio com a fluidez líquida da natureza, ‘do úmido pântano feminino’, com ‘água, leite, sangue, seiva, mel e vinho’, sendo, portanto, de natureza feminina; sendo Apolo a personificação masculina que traça a linha contra a natureza ctônica, portanto antagonônico, de natureza masculina.

¹³ Carta de Eloah Giacomelli. 15 de agosto de 1974. Vancouver, CA. Para Hilda Hilst.



por sua vez, refletida nessas mulheres, é a amiga admirada, que expõe com sinceridade sua luta permanente de dar publicidade a seu trabalho e, se possível, viver dele.

O tema entre os temas, a transitoriedade, na poesia como na vida, também aparece nítido em diversos momentos dessas escritas ‘irmãs’. No final de uma das cartas, Giacomelli fala da velhice com melancolia quase poética: “É triste envelhecer; mais triste ainda é essa tentativa de algumas velhas, por exemplo, de se apegarem à juventude – me dá uma longa pontada no peito quando vejo uma velha toda pintada, mas assim com duas rodela de rouge uma em cada face e a boca mais parecendo uma ferida”¹⁴.

Gisela Magalhães, a amiga de longa data a quem Hilda dedicou poemas, dissecava sempre nas cartas a incompatibilidade da vida entre o lar, os filhos, a rotina e o trabalho: “Abençoada preguiça aquela que te impediu de ter filhos! Esta casa é o caos. Nem bem acabei de ajeitar os menores e já voltam os mais velhos e lá se vai a roda dentada da minha vida!”¹⁵. E sobre a arquitetura, a mulher que integrava a equipe de apoio a Oscar Niemeyer na construção de Brasília, declara:

O trabalho, a não ser no ato mesmo do fazer, é tão estranho para mim, Hildinha. Criando espaços continentes para as pessoas quando para mim era menos que o abrigo, era a nuvem, o mar e as árvores. Principalmente a luz, acho que bastava: a do sol para viver, as da noite para recolher. Em vez disso, artesanatos ancestrais agora com cimento, cal e areia, fibras de vidro, metais e os materiais que surgem daqui de sempre [sic]. Ai Hildinha, difícil, difícil¹⁶.

Lygia Fagundes Telles, uma das mais freqüentes entre as correspondentes de Hilda, fala de sua escrita com incomparável sinceridade, expondo seus sentimentos com relação à crítica e ao julgamento de seu trabalho. Revela-se nesta correspondência sobre um lançamento de um livro seu em Paris, como em outras de suas cartas, a cumplicidade entre as escritoras no tema da recepção de sua obra e até mesmo da autocrítica.

Devo dizer-lhe aqui na nossa intimidade que tudo isso foi muito, muito bom, para essa sua amiga que já teve algumas crises agudas de insegurança. [...] Na década de 70, por exemplo, eu sofri porque o crítico N não me aceitava, ah! ele não me aceita!... Ou porque o escritor Y ria meio torto quando se referia ao meu texto. E hoje quem se lembra desse crítico que já desapareceu quase completamente, ninguém mais fala nele! E quem se importa com aquele escritor que acabou diluído no Mar Morto do esquecimento. A insegurança, sim. O medo de ser recusada¹⁷.

E apesar da euforia demonstrada em cada linha, apesar do sucesso do livro na França, Lygia finaliza a carta com o medo recorrente: “um repórter me perguntou: a senhora tem medo da velhice?”

¹⁴ Ibid. 4 de janeiro de 1975.

¹⁵ Carta de Gisela Magalhães. 09 de maio de 1978. Lugar de emissão não revelado. Para Hilda Hilst.

¹⁶ Ibid. 07 de fevereiro de 1973.

¹⁷ Carta de Lygia Fagundes Telles. Sem data e local de emissão. Para Hilda Hilst.



Eu disse: da velhice não mais. Da morte.¹⁸” Da morte, as odes mínimas que Hilda traçou em vida e que suas amigas reproduziram em cartas.

Os traços de Hilda continuam a percorrer a correspondência nas cartas que falam das gravações de vozes do além feitas por H.H. em sua Casa do Sol, que falam de sonhos enigmáticos e sua rica carga de simbologias, traços que moldam seu perfil de mulher e poeta, filósofa e em voltas com dificuldades domésticas, um encadeamento de pormenores na feitura de seu biografema.

No texto que encerra essa digressão biografemática, a carta de Nelly Novaes Coelho dá-nos uma miríade de temas, todos temas também de Hilda Hilst, compondo em reminiscências suas afinidades eletivas.

Mas a tarefa de amor, realmente, é a tradução que preciso fazer. Preciso, pois que o coração pede. Traduzir Tereza. Mas vê, não tenho o livro há muitos anos. O que andei lendo era teu, até um grifo feito por ti, que ainda lembro. [...] Serias capaz de mandá-lo de volta para mim? Quando peguei o livro e te pedi emprestado falaste ‘ele é teu, pois que é meu’. Será verdade? É que falei com Tereza e prometi esta tradução. Tenho sobre a mesa, aquela velha mesa dos escritos, um retrato dela, já velha, cópia fotográfica feita em Ávila, onde a assinatura Tereza de Jesus feita por ela há tantos séculos aparece, e há no fundo uma alva pomba e ela está de mãos postas, na parede havia escrito eu aquele desejo do Jorge (de Lima) ‘pelo vô dos pássaros quero me guiar’, mas apaguei quando ouvi o tiro que matou o (Pedro) Nava, que doeu em todos nós. Acima de tudo está uma reprodução do Cristo Pantocrator. Falei muito para que me saibas, o que sou e o que faço¹⁹.

Trata-se, como escreveu Barthes sobre Sade, Fourier e Loyola, de receber do texto uma espécie de categoria fantasmática, aqueles encantamentos que citou de Sade e suas maneiras provençais, de Fourier e seu gosto pelos patês parisienses e de Loyola com seus belos olhos, “*toujour un peu embués de larmes*²⁰”. Através das anotações pessoais ao acaso, pelo roteiro poético das odes à morte, nas cartas irmãs, eleva-se o prazer do texto em seus fantasmas.

Bibliografia

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

_____. *Sade, Fourier, Loyola*. Paris: Editions du Seuil, 1971.

Cadernos de Literatura. Hilda Hilst. Instituto Moreira Salles. São Paulo, 1999.

HILST, Hilda. *A obscena senhora D*. São Paulo: Editora Globo, 2001.

_____. *Da morte. Odes mínimas*. São Paulo: Editora Globo, 2001.

Registros pessoais de Hilda Hilst. Disponível em:

<http://www.hildahilst.com.br/obras.php?categoria=8>. Acesso em: 22 de janeiro de 2008.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Carta de Nelly Novaes Coelho. Sem local de emissão. 1º de setembro de 1974. Para Hilda Hilst.

²⁰ _____. *Sade, Fourier, Loyola*. Paris: Editions du Seuil, 1971, p. 14.



PAGLIA. Camille. *Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. 3ª reimpressão. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Correspondência passiva de Hilda Hilst fotocopiada no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio CEDAE – IEL/Unicamp.